

## A REGIÃO PLATINA E AS REPRESENTAÇÕES MÍTICAS DE GRANDES LAGOS NA CARTOGRAFIA DO PERÍODO COLONIAL<sup>1</sup>

### THE PLATINE REGION AND THE MYTHIC REPRESENTATIONS OF GREAT LAKES IN COLONIAL PERIOD CARTOGRAPHY

Yuri Batista da Silva<sup>2</sup>

**RESUMEN:** Este ensayo se basa en investigaciones con fuentes bibliográficas, cartográficas y en documentos que abordan las percepciones de los europeos sobre el Río de la Plata o de la región de Prata, manifestadas en la cartografía. A partir de 1516, los europeos llegarán al estuario del Plata, que luego se expresarán en la cartografía. Sus contornos iniciales serán modestos hasta la década de 1530, cuando se asocia con posibilidades de riqueza, llegando a ser conocido como el Río de la Plata y ganando un protagonismo cartográfico. En la segunda mitad del siglo XVI, su origen se asociará con los grandes lagos míticos del Continente, con los relatos indígenas mezclados con las creencias cristianas medievales y la experiencia europea en la América. Este gran lago es asociado con la riqueza, que permanecerá en la cartografía, a pesar de muchos cambios, hasta la segunda mitad del siglo XVIII, coexistiendo con interpretaciones más realistas. Así se percibe la representación de las disputas entre portugueses y castellanos por el dominio territorial y el acceso al inmenso espacio de los ríos que forman el Río de la Plata. Este estudio pertenece al proyecto de investigación con beca FIPE de la Universidad Federal de Santa María/Brasil.

**Palabras claves:** Río de la Plata; región platina; cartografía colonial.

**RESUMO:** Ensaio produzido a partir de pesquisa que vem sendo realizada em fontes bibliográficas e cartográficas bem como em alguns documentos escritos sobre as percepções dos europeus do Rio da Prata ou da região do Prata nas representações cartográficas. A partir de 1516 os europeus chegaram ao estuário platino, sendo imediatamente expresso na cartografia. Seus contornos iniciais serão modestos até a década de 1530 quando este passa a ser associado a possibilidades de riquezas, passando a ser chamado de Rio da Prata e ganhando grande destaque cartográfico. Na segunda metade do século XVI sua nascente foi associada aos grandes lagos míticos no interior, fruto dos relatos indígenas, mezclados com crenças cristãs medievais e a experiência europeia junto ao novo continente. Esse grande lago foi associado as riquezas, o que se manterá na cartografia, apesar das muitas mudanças ocorridas, até a segunda metade do século XVIII, coexistindo com mapas e interpretações mais realistas da região. Desta forma percebe-se a representação marcada pela disputas entre portugueses e castelhanos pelo domínio territorial e ao acesso ao imenso espaço dos rios que formam o “Rio da Prata”. Este texto está vinculado ao projeto de pesquisa com bolsa FIPE da Universidade Federal de Santa Maria/Brasil.

**Palavras Chaves:** Rio da Prata, Região Platina, Cartografia Colonial.

**ABSTRACT:** This essay is based on a research that has been carried out in bibliographic and cartographic sources, as well as in some written documents on the perceptions of Europeans in the River Plate or in the Platenean region in cartographic representations. By 1516 the Europeans arrived at the platinum estuary, being immediately expressed in cartography. Its initial contours will be modest until the 1530s when it becomes associated with possibilities of riches, getting known as the River Plate and gaining great cartographic prominence. In the second half of the 16th century its source was associated with the great mythical lakes in the interior, the result of indigenous reports, mixed with medieval Christian beliefs and the European experience with the new continent. This great lake was associated with riches, which will remain in cartography, despite the many changes that occurred until the second half of the eighteenth century, coexisting with more realistic maps and interpretations of the region. In this way, one can see the representation marked by disputes between Portuguese and Castilians over the territorial domain and access to the immense space of the rivers that form the River Plate. This text is linked to the FIPE scholarship research project of the Federal University of Santa Maria / Brazil.

**Keywords:** River Plate, Platinum Region, Colonial Cartography

<sup>1</sup> Ensaio vinculado ao Projeto de Pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Maria Medianeira Padoin, da Universidade Federal de Santa Maria

<sup>2</sup> Bolsista de iniciação científica do programa FIPE/UFSM 2018-2019. Este artigo foi produzido contando com o auxílio da Bolsa FIPE/UFSM em 2019. Licenciatura em História/UFSM. E-mail: [yurisilva67@gmail.com](mailto:yurisilva67@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Até a última década do século XV, a imensa porção de terra que foi denominada de América não fazia parte do conhecimento geográfico europeu como o continente que conquistaram a partir do século XVI. Foi somente em outubro 1492, com o objetivo de chegar ao Oriente, especialmente às Índias Orientais e ao seu rico comércio, por uma rota alternativa àquelas conhecidas até então, que o genovês Cristován Colombo (1451-1506), a serviço da Coroa de Castela, aportou em ilhas hoje pertencentes a América Central, capitaneando, ao todo, duas naus e uma caravela com pelo menos 87 tripulantes confirmados (GOULD, 1984).

Colombo que acreditava ter realizado seu objetivo de ter chegado ao Oriente estabeleceu contatos diversificados com povos que ali encontrou ao ponto de três meses mais tarde, quando partiu em retorno a Europa, ter deixado parte de sua tripulação para que construíssem um forte sob o comando de um líder local chamado Guacanagari.

Nesta primeira viagem Colombo escreveu seu famoso Diário, onde descreve vários aspectos da viagem e do que encontrou, como as populações:

Populações que tudo aceitavam e davam do que tinham com a maior boa vontade. Mas me pareceu que era gente que não possuía praticamente nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga. E todos os que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos de idade: muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pêlo do rabo de cavalos, e curtos, caem por cima das sobrancelhas, menos uns fios na nuca que mantêm longos, sem nunca cortar. Eles se pintam de preto, e são da cor dos canários, nem negros nem brancos, e se pintam de branco, e de encarnado, e do que bem entendem, e pintam a cara, o corpo todo, e alguns somente os olhos ou o nariz. Não andam com armas, que nem conhecem, pois lhes mostrei espadas, que pegaram pelo fio e se cortaram por ignorância. (COLOMBO, 1997, p. 45)

Segundo Ana Klock e Gilmei Fleck (2014), esse descobrimento europeu da América favoreceu o ressurgimento de um mito medieval, o Paraíso Terreal, onde “os registros deixados no documento [Diário] contribuíram para que se estabelecesse no imaginário da época a relação desse ambiente com o paraíso de Adão e Eva.” (KLOCK; FLECK, p. 114).

Colombo realizou ainda mais 3 viagens à América onde ainda acreditava ter encontrado ilhas muito próximas as Índias. Em sua segunda viagem de 1493 até 1496 iniciou um projeto de povoação, expansão da fé cristã e exploração de metais preciosos das terras que encontrou utilizando a mão-de-obra indígena. Enquanto ocorre essa viagem que é assinado entre as coroas de Castela e Portugal o Tratado de Tordesilhas, definindo que as terras descobertas e ainda por descobrir entre o arquipélago de Cabo Verde e até 370 léguas no

sentido oeste seriam de Portugal, enquanto que as posteriores a essa distância seriam de Castela.

Por diversas disputas, Colombo perdeu o título de vice-rei daquelas terras em 1500 em meio a sua terceira viagem. Segundo Tzvetan Todorov (1983), é nessa terceira viagem que a questão do Paraíso Terreal se torna uma obsessão para o explorador, especialmente quando ele se aproxima do equador, local que, devido ao clima temperado, seria a localização do Paraíso, segundo o teólogo francês Pierre d'Ailly (1351-1420) e o qual Colombo teria lido.

Outro autor que Colombo havia lido era o romano Plínio, O Velho (23-79 d. C) que em suas longínquas viagens, relatava ele, havia encontrado uma série de seres antropomórficos como sereias, ciclopes, amazonas, cinocéfalos, etc. Tais seres foram amplamente comentados por poetas, historiadores, viajantes, geógrafos, cartógrafos e teólogos medievais – como Santo Agostinho que defendia a existência destes enquanto criações de Deus da mesma forma que a humanidade –, e associados a imagem do Paraíso Terreal, como seres que viviam nas cercanias desse Paraíso. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, “quase se pode dizer de todas as descrições medievais do Éden que são inconcebíveis sem a presença de uma extraordinária fauna mais ou menos antropomórfica” (HOLANDA, 1969, p. 17).

Dessa forma, em relação a natureza, a geografia, ao Paraíso e as figuras antropomórficas que o circundavam, Colombo, segundo Todorov, não se preocupava em compreender de forma correta aquilo que lhe chegava por meio de relatos, uma vez que ele já sabia de antemão o que deveria ter ali, baseado em autoridades cristãs e crenças anteriores a ele (TODOROV, 1983). A experiência concreta de Colombo na América – ou Ásia, como ele acreditava – era lida e relida pelo explorador que buscava dar um sentido sob os alicerces do pensamento europeu medieval. A difusão pela Europa de seus escritos será em grande medida responsável pela edenização do “Novo Mundo” que conforme os anos passavam e aumentavam-se as viagens, ficava cada vez mais clara a noção de se tratar de um novo continente: a América.

O número de expedições europeias nesse período iria crescer largamente. Tanto portugueses quanto castelhanos montaram diversas expedições para tomar conhecimento das terras que lhe pertenciam devido ao Tratado de Tordesilhas. Em 1500, com Pedro Alvares Cabral, tem-se a primeira expedição oficial portuguesa às terras continentais americanas onde três anos mais tarde já seria firmado um contrato de arrendamento com o cristão-novo Fernando de Noronha. Tal contrato, em troca do direito de explorar a madeira, obrigava o arrendatário a pagar certa quantia do produto extraído, construir e manter fortes e explorar

anualmente faixas da costa. Da mesma forma, Castela preocupava-se com o reconhecimento e gerenciamento de suas posses em solo americano e, em 1503, é fundada a *Casa de Contratacion de Sevilla* com o objetivo de organizar novas expedições, o funcionamento do comércio que se estabelecia e a cobrança de impostos.

Não tardou muito e as expedições europeias chegaram no extremo sul da América, mais precisamente ao Rio da Prata, objeto de estudo deste artigo. Ainda que supostamente a bacia platina possa ter sido alcançada anteriormente, como por exemplo com a viagem de João de Lisboa em 1511-1512, é apenas em 1516 com o piloto-mor da *Casa de Contratacion de Sevilla* Juan Díaz de Sólis (1470-1516) que ela realmente passará a fazer parte do conhecimento europeu.

Sólis que capitaneava três navios, acabou morrendo na frente de seus homens ao desembarcar na costa platina junto com outros quinze tripulantes, onde fora atacado por indígenas que acompanhavam por terra a expedição. O comando da viagem foi assumido pelo cunhado de Sólis, Francisco de Torres, que decide retornar para a Europa.

No retorno, uma das embarcações naufraga próximo a ilha de Santa Catarina e os sobreviventes se veem obrigados a sobreviver no continente. Tal sobrevivência se mostra exitosa quando se pensa que oito anos depois, em 1524, alguns desses sobreviventes liderados por Aleixo Garcia, comandaria uma expedição junto a indígenas guaranis, rumo ao Alto Peru. Trata-se da primeira incursão europeia rumo a localização do Império Inca, algo que provavelmente se mostrou atraente aos olhares desses europeus devido ao contato com as populações indígenas e os seus relatos sobre as riquezas Incas. No entanto, a expedição de Aleixo Garcia se mostra desastrosa e o mesmo acaba por falecer nela.

Aqui vemos algo que passará a ser extremamente recorrente no contato entre os exploradores e colonos europeus com as populações indígenas: o relato destes últimos sobre imensas riquezas que estariam localizadas em um lugar ou outro no interior do continente. Sobre isso, em 1576, o cronista português Perô de Magalhães Gândavo (1540-1580) escrevia em seu História da Província Santa Cruz o seguinte

Além da certeza que por esta via temos há outros muitos índios na terra que também afirmam haver no sertão muito ouro, os quais posto que são gente de pouca fé e verdade, dá se lhes crédito nesta parte, porque acerca disto os mais deles são contestes, e falam em diversas partes por uma boca. (GANDAVO, 2008, p. 154).

O trecho da obra de Gandavo, que se referia inicialmente a existência de grandes riquezas dentro dos limites territoriais da Coroa Portuguesa e próximas as povoações portuguesas – em oposição aos territórios castelhanos –, demonstra que existia no imaginário do período a noção de que a multiplicidade de relatos indígenas sobre riquezas no interior do

continente, chamado de Sertão, tornava-se evidencia da veracidade dos mesmos. Isso vincular-se-á profundamente com a questão da edenização da América. Além do clima temperado e da presença de figuras antropomórficas, como já mencionado, a abundância de riquezas metálicas estava também associada as proximidades do Paraíso Terreal, especialmente quando na Bíblia se refere ao Rio Fison, um dos tributários do grande rio que saía do Paraíso, e que destacava-se como um rio de muito ouro de boa qualidade. (HOLANDA, 1969, p. 145).

Voltando a incursão de Aleixo Garcia, é possível afirmar que sua repercussão nos próximos anos influenciou decisivamente na exploração do extremo sul da América. Em 1526 parte do Porto de Cádiz a serviço da *Casa de Contratacion de Sevilla* uma frota comandada pelo veneziano Sebastian Caboto (1576-1557) rumo as Ilhas Molucas, na Ásia. A viagem que deveria navegar o Atlântico e atravessar pelo Estreito de Magalhães fez uma primeira parada em Pernambuco, território português, onde descobre relatos sobre a expedição de Aleixo. Na sequência, a expedição parte rumo ao sul e, nas proximidades da Ilha de Santa Catarina, Caboto encontra-se com os homens que sobreviveram tanto ao naufrago de um dos barcos da frota de Sólis, em 1516, quanto da incursão terrestre de Aleixo em 1524.

Tanto em Pernambuco quanto em Santa Catarina – o que demonstra a circulação dessas ideias – os relatos a respeito de riquezas incalculáveis possíveis de serem encontradas no interior, despertara o interesse do capitão. Caboto decide então abandonar o destino inicial (as Ilhas Molucas) e transforma o Rio da Prata e seus afluentes em seu objeto de exploração. Assim, em 1527 a expedição passa a navegar o Rio da Prata – neste momento chamado de *Rio de Sólis* em homenagem ao capitão morto ou *Mar Dulce*, como o próprio Sólis o teria chamado – e em 11 de maio de 1527 é fundado por ordem de Caboto o Forte Sancti Spiritu no Rio Paraná (afluente do Prata) que serviria de base para exploração na região.

Entende-se o motivo da decisão de Caboto quando se lê a carta de Luis Ramírez de 1528, tripulante da expedição, que descreve o que relatou um dos sobreviventes em Santa Catarina:

“Dijo [Enrique Montes]<sup>3</sup> que si le queríamos seguir, que nos cargaría las naos de oro y plata porque él estaba cierto que entrando por Rio de Solís iríamos a dar en un río que se llama Paraná, el cual es muy caudalósimo, y entra dentro en este de Solís con veinte y dos bocas. Entrando por este dicho río arriba no tenía en mucho cargar las naos de oro y plata aunque fuesen mayores, porque el dicho río de Paraná y otros que a él vienen a dar, van a confinar con una sierra a donde muchos indios acostumbran ir y venir y que en esta sierra había mucha manera de metal y que en ella había mucho oro y plata y otro género de metal que aquello no alcanzaba qué

---

<sup>3</sup> Adição feita por GANDINI.

metal era, más de cuanto ello no era cobre e que todos estos géneros de metal había mucha cantidad”. (GANDINI, 2016, p. 15).

Assim, o desejo e a possibilidade de obtenção de grandes riquezas – reconhecidas muitas vezes como a Serra da Prata e o Rei Branco, descrições feitas pelo próprio Ramirez – estaria por trás da decisão de Caboto em desrespeitar suas ordens iniciais. De forma semelhante, uma outra expedição acabaria adentrando o Rio de Prata em 1528. Trata-se da expedição de Diego Garcia de Moguer (1484-1544) a serviço da *Casa de Contratacion de la Coruna* que em maio de 1528 se encontraria com a expedição de Caboto para surpresa mútua. Tanto a expedição de Caboto quanto a de Moguer estavam amparadas por capitulações que previam, em caso de descobertas importantes, direitos como a obtenção de parte da pilhagem, governação do território encontrado e exploração do mesmo (GANDINI, 2016, p. 6). Apesar da desconfiança mútua entre os capitães, neste momento concordaram em ambos explorar as águas platinas. Sem provisões suficientes e reforços, somado a hostilidade indígena na região que tomou o Forte *Santi Spiritu* em setembro de 1529, tanto Caboto quanto Moguer decidem retornar a Europa em 1530.

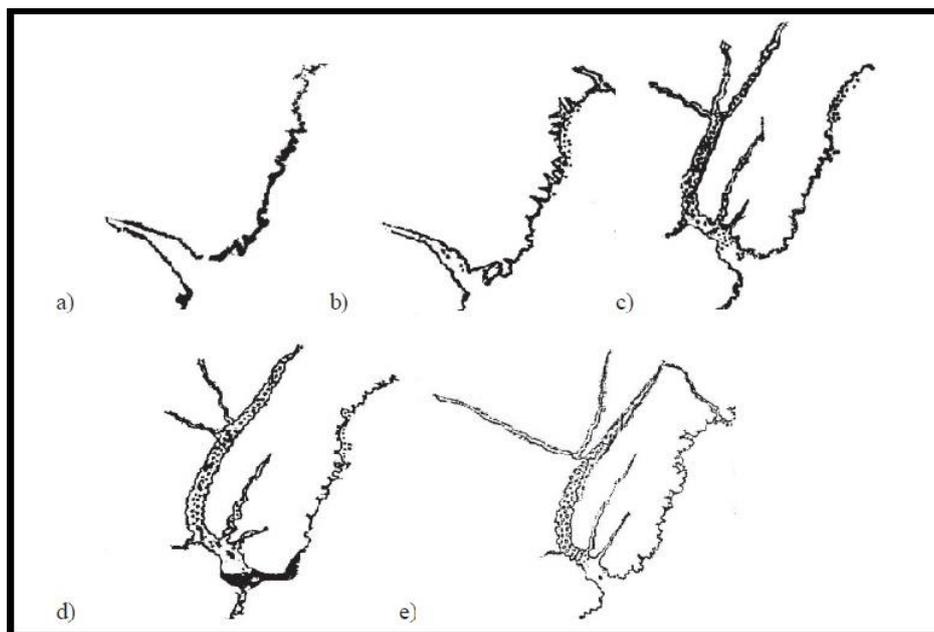
## A REGIÃO PLATINA NA CARTOGRAFIA

De acordo com Maria Julia Gandini (2016), as viagens de Sebastian Caboto e Diego Garcia Moguer tornar-se-iam responsáveis por uma mudança na perspectiva europeia sobre a região platina:

La circulación de un inmenso cúmulo de nueva información sobre la región, recogida y validada por el aparato judicial español, logró transformar drásticamente la representación inicial establecida del río descubierto por Solís. Así, pasó de ser el sombrío paraje de la muerte y la canibalización de su primer descubridor a una atractiva conquista. Esta transformación se hizo evidente con el surgimiento y consolidación de un nuevo nombre para la masa de agua, que denotaba mejor las renovadas y auspiciosas esperanza que sobre él se desarrollaron: de allí en más sería llamado Río de la Plata, en referencia a los inmensos tesoros en metales preciosos que permitiría alcanzar. (GANDINI, 2016, p. 5).

Essa mudança de perspectiva, na cartografia, já teria reflexos imediatamente após o envio da já mencionada carta de Luiz Ramirez. Segundo Tiago Bonato (2018, p. 140), já nos mapas de 1529 do cartógrafo Diego Ribeiro, funcionário da *Casa de Contratacion de Sevilla*, seria possível perceber a importância que a região, por meio de seus rios, ganhava no imaginário castelhano. Na figura 1 é possível perceber a mudança da região se comparado os mapas de Diego Ribeiro 1525(A) e 1527(B) com os dois mapas de 1529(C e D) e o mapa de Alonso Chavez, outro funcionário da Coroa, de 1535(E).

FIGURA 1: Traço da bacia platina presente nos mapas de Diogo Ribeiro de (a) 1525, (b) 1527, (c) 1529 e (d) 1529, bem como o mapa de Alonso de Chaves (e) 1535

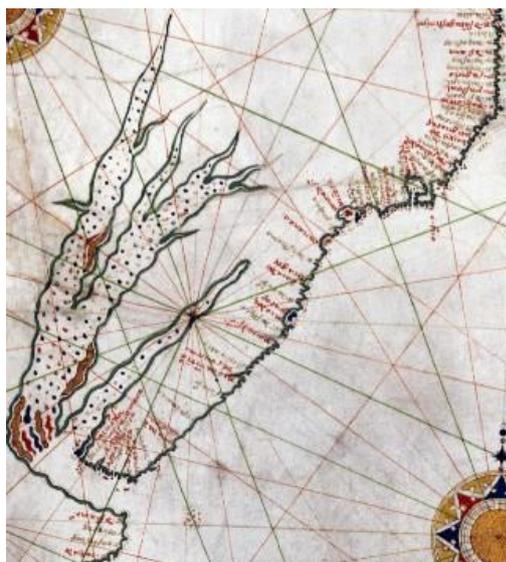


Fonte: Adaptação da utilização feita por Tiago Bonato, 2018, p. 141.

Em Portugal essa configuração platina passaria a ser representada na cartografia por meio do mapa de 1534 de Gaspar Viegas (figura 2). Os mapas de Diego Ribeiro de 1529 e o de Gaspar Viegas podem ser entendidos como modelos dessa configuração platina da região – em oposição a modesta representação feita após a viagem de Sólis e que pode ser vista nos mapas A e B da figura 1 –, no entanto, demonstram os diferentes interesses das Coroas Ibéricas no momento: enquanto os mapas castelhanos contemplam rios tributários menores da região platina demonstrando o interesse castelhano na exploração de riquezas do interior por meio dos rios, muito influenciados pela carta de Ramirez e as descrições da região por ele feitas; os mapas portugueses tenderiam a representar de forma mais enfática apenas os principais afluentes rios – a saber, o Paraná e o Uruguai – tendendo seus cursos para o litoral, ou seja, demonstrando o interesse da Coroa Portuguesa em explorar a costa brasileira e a partir dela. (BONATO, 2018, p. 145 e 146). Ainda segundo Bonato, essas duas posturas representadas na cartografia “permaneceram, com poucas diferenças significativas até o final do século.” (BONATO, 2018, p. 146).

É durante a década de 1530 que o nome Rio da Prata, no sentido de rio que leva até a Prata, é gestado e difundido. Tal nomeação, ao menos em termos oficiais, parece ter sido obra dos portugueses, apesar da baixa participação desta Coroa na exploração da região.

FIGURA 2: Detalhe do mapa de Gaspar Viegas de 1534.



**Fonte:** Exemplar colorido da Gallica – Biblioteca Nacional da França.  
[<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52503224r>]. Acesso em 02 nov. 2019.

É neste momento portanto que o então Rio da Prata passa a ser entendido entre os europeus como o rio que daria acesso a imensas riquezas escondidas no interior do continente. Sua exploração e a dos seus afluentes será intensa na década de 1530 onde diversas vilas e fortes europeus são erguidos na região, como por exemplo a primeira fundação de Buenos Aires em 1536, hoje capital argentina que foi refundada em 1580, e a fundação de Assunção em 1537, hoje capital paraguaia. No entanto, a exploração fluvial, em sentido ao norte, encontrou seus limites ainda na primeira metade do século XVI quando o explorador Domingo Martínez de Irala em 1543 navegando pelo Rio Paraguai – afluente do Rio Paraná – alcançou um trecho não navegável pelas embarcações, muito próximo do que ele batizou de *Puerto de los Reyes*, um porto natural. Segundo Maria de Fátima Costa (2007), hoje sabe-se que a região descrita por Irala faz parte do complexo de lagoas e rios do Pantanal, porém, naquele momento, a paisagem que a exploração encontrou, em um momento de águas baixas, intrigava os europeus na região devido ao emaranhado de rios presentes.

Ainda na década de 1540 já se tem a publicação de uma obra cujo uma das descrições será importante para a posterior representação da região platina. Trata-se do *Cosmographie* de 1544, obra do português João Afonso que trabalhava para a coroa francesa. Nele, como também em uma outra obra do autor, publicada em 1559 e intitulada *Voyages Aventuriex*, é expresso a ligação fluvial entre os Rios da Prata e Maranhão por meio de um grande lago central, o que “ambos fazem de todo Brasil uma ilha”. (AFONSO apud BONATO, 2018, p.

161). Aqui nota-se de maneira clara a descrição de um mito geográfico comum no século XVI: o mito da Ilha-Brasil.

A insularidade brasileira será retratada na cartografia inicialmente com o mapa de Sanchez Gutierrez, cartografo castelhano, em 1551 (figura 3 A) e posteriormente no mapa de 1559 do português André Homem (figura 3 B). Curiosamente, o mapa de Gutierrez é o único mapa castelhano neste momento que irá representar a ligação fluvial entre o Rio da Prata e o Rio Maranhão, e sua configuração dos rios em si é muito próxima daquela feita em mapas portugueses, onde o Rio Uruguai é destacado e percorre um caminho direcionado a costa brasileira (BONATO, 2018, p. 160). Seria necessário um estudo mais aprofundado tanto de Sanchez Gutierrez quanto de seu mapa de 1551 a fim de que se possa compreender as características nele apresentadas. No mapa de André Homem, no entanto, será possível ver a clara ligação, via rios menores, com a bacia amazônica.

**FIGURA 3: Detalhe dos mapas de Sanchez Gutierrez de 1551 (A) e de André Homem de 1559 (B).**



**Fonte:** Tiago Bonato, 2018, p. 159 e 165.

Nos dois mapas acima (figura 3) é possível notar que os rios circundam uma porção de terra. Isso demonstra que em algumas fontes da época, o que fazia a ligação dos rios não era necessariamente um lago, mas uma ilha. A representação da ilha, ao invés do lago, no entanto, será bem menor. Além disso, vale ressaltar que nem todo mapa do período passou a representar a nascente platina a partir de um lago ou ilha, e nem que esta também seria a nascente de rios vindos do norte. Os mapas do famoso cartografo flamengo Abraham Ortelius (1527-1598), autor do *Theatrum Orbis Terrarum* de 1570 (figura 4), por exemplo, apontavam

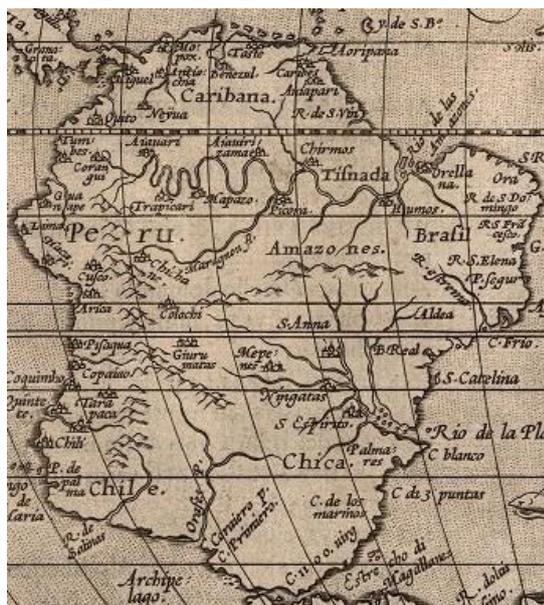
o nascimento dos afluentes platinos para as proximidades de cadeias montanhosas. Essa representação próximo ou a partir de montanhas será também muito comum no século XVI, sendo inclusive bem anteriores aos mapas de Ortelius. Ambas as representações coexistirão na cartografia da segunda metade do século XVI.

No mapa de André Homem ainda é possível perceber uma outra ligação ao lago/ilha central: o Rio São Francisco. A nascente desse rio a partir dessa mesma lago central é descrita na já citada obra de Pero de Magalhães Gandavo em 1576 e nela é possível perceber um elemento chave na importância que se dá ao mito geográfico da lago:

Principalmente é pública fama entre eles que há uma lagoa muito grande no interior da terra donde procede o rio de São Francisco, de que já tratei, dentro da qual dizem haver algumas ilhas e nelas edificadas muitas povoações, e outras ao redor dela muito grandes onde também há muito ouro, e mais quantidade, segundo se afirma, que em nenhuma outra parte desta província. (GANDAVO, 2008, p. 154, 155).

Nota-se como o mito do lago associa-se a presença de riquezas metálicas na obra de Gandavo. E isto ocorre em momento posterior a conquista dos Incas pelos castelhanos e a descoberta da montanha de prata de Potosi, montanha que é inclusive descrita também por Gandavo. Ou seja, assim batizado com base em relatos sobre riquezas que provavelmente se referiam, entre outros elementos, ao Império Inca, o Rio da Prata passa agora a ser uma das portas de entrada a outras fontes de riqueza que estariam escondidas no interior do continente. Interior com muitas riquezas este que, se nos lembrarmos do que foi descrito antes quando citamos Gandavo pela primeira vez, se encontrava nas terras pertencentes ao Rei de Portugal, e não dos castelhanos. Assim, o lago, além de ser um local rico, estava localizada dentro dos limites portugueses. A obra de Gandavo talvez ajude a compreender a importância inicial que os portugueses deram ao lago (ou ilha), mesmo que não tenham sido os primeiros a retrata-la na cartografia conhecida.

FIGURA 4: Detalhe do mapa mundo presente no *Theatrum Orbis Terrarum*.



Fonte: David Rumsey Map Collection

[[https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/view/search/when/1570?q=world\\_area%3d%27world%27+LIMIT%3aRUMSEY~8~1&sort=pub\\_list\\_no\\_initialsort%2Cpub\\_date%2Cpub\\_list\\_no%2Cseries\\_no](https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/view/search/when/1570?q=world_area%3d%27world%27+LIMIT%3aRUMSEY~8~1&sort=pub_list_no_initialsort%2Cpub_date%2Cpub_list_no%2Cseries_no)]. Acesso em: 04 nov. 2019.

Em um estudo sobre a formação do imaginário mítico geográfico colonial, Marcelo Deuvaux (2009) aponta para a provável conexão entre povoados portugueses como São Vicente para com os povoados castelhanos na região platina de onde desde a década de 1540 chegavam notícias a respeito de uma lago onde o Sol dormiria, e que seria um local habitado por mulheres guerreiras, as Amazonas, que possuíam grandes quantidades de prata e ouro (DEUXAUX, 2009, 91). Tal lago seria, na verdade, uma releitura castelhana a partir do que lhes contavam os indígenas locais precisamente a respeito do Lago Titicaca e das Virgens do Sol incas (GANDIA apud DEUVAUX, 2009, p. 93), não tendo, portanto, qualquer ligação com a região explorada por Irala de 1543. Este lago com suas Amazonas e riquezas, segundo Deuvaux, seria a provável matriz mítica platina para o mito português dessa grande lago central (DEUXAUX, 2009, 91). Apesar disso, mais do que mera reprodução de notícias vindas do Prata,

na costa brasileira, o contato com os nativos também levou os portugueses a suspeitarem de riquezas localizadas no interior, fazendo emergir espaços imaginários concebidos, a princípio, de modo independente das representações oriundas da matriz mítica do rio da Prata, mas influenciadas por esta no decorrer do tempo, na medida em que as lendas se consolidavam no imaginário sobre o sertão. (DEUVAUX, 2009, p. 101, 102).

Assim, partindo de uma matriz mítica platina, da própria experiência com a região e de relatos indígenas que multiplicava-se por várias partes do território – relatos estes que em muitos casos eram lidos e interpretados a partir de concepções míticas europeias, como

ocorreu com Colombo –, foi possível ao longo dos anos gerar uma geografia interiorana que via nos rios a porta de acesso para riquezas jamais vistas. Nas palavras de Deuvaux, “a formação do imaginário mítico sobre as terras americanas se deu através da combinação entre a tradição cultural europeia e os elementos apreendidos na experiência da ocupação do território, trazidos pelo contato com a natureza e com o homem do Novo Mundo.” (2009, p.71).

Já em 1561 – dois anos após o mapa de André Homem – esse lago central ganhará o nome de “Alagoado Eupana” com o mapa do português Bartolomeu Velho. Esse nome será muito comum posteriormente ainda que por vezes sofra a interferência de outros mitos geográficos do período e acabe recebendo outros nomes como Dourado e Paytiti.<sup>4</sup> Além desses nomes, também aparecerá em crônicas quinhentistas com o nome “Alagoa Grande”, como é o caso do Roteiro Geral da Costa Brasília, escrito em 1587 pelo português Gabriel Soares de Sousa.

Se o referido lago parece ter tido uma importância maior entre portugueses nesses anos finais da década de 1550 e 1560, esteve longe de limitar-se a produção cartográfica portuguesa posteriormente. Já em uma reedição de 1584 do já mencionado *Theatrum Orbis Terrarum* têm-se dois mapas espanhóis (figura 5), sendo um de Jerônimo de Chaves e outro de Diego Gutierrez. Esses mapas possuem um desenho dos rios que difere bastante dos mapas vistos até aqui, sendo traçados de forma mais estreita, o que amplia o espaço terrestre no interior do território, e não identifica o nome dos Rios Uruguai e Paraná, apenas o do Rio da Prata. Essa forma de representar aumenta o destaque do lago interiorano – neles chamada de *Eupana Lacus* – e talvez a suas “portas” de acesso, sendo muito comum na cartografia de finais do século XVI e primeira metade do XVII.

A política de Estado das Coroas Ibéricas previa o sigilo de informações geográficas, porém, nem mesmo com a cartografia manuscrita obtinha-se o pleno sucesso, onde “a documentação sugere que a circulação dos mapas manuscritos, apesar de combatida, era frequente [e os] mapas manuscritos ibéricos circularam tanto dentro da península como fora” (BONATO, 2018, p. 43). Com a disseminação da prática de impressão dos mapas – dos quais os mapas da figura 5 fazem parte –, multiplicando-se as cópias, haverá uma circulação muito maior das informações.

---

<sup>4</sup> Carta de João Teixeira de 1600 e de Lucas de Quirós de 1618, respectivamente.

FIGURA 5: Detalhe dos mapas de Jerônimo de Chaves (A) e de Diego Gutierrez (B) presentes na edição de 1584 do *Theatrum Orbis Terrarum*



Fonte: Tiago Bonato, 2018, p. 173 e 174.

No início do século XVII, em 1601, será publicado um outro texto que influenciará na forma de compreender e representar a região platina. Trata-se do *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas i Tierra firme del mar océano*, autoria de Antonio de Herrera y Tordesillas, na época, ocupante do cargo de Cronista Maior das Índias.

Segundo Maria de Fátima Costa é nesta obra que pela primeira vez menciona-se o lago interiorano de onde parte o Rio da Prata com o nome de Xarayes<sup>5</sup> e mais do que isso, associa este diretamente com o Puerto de Los Reyes encontrado e descrito pelo explorador castelhano Domingo Martínez de Irala em 1543 (COSTA, 2007, p. 27). Nas crônicas quinhentistas, prossegue a autora, não se menciona a existência de um único e grande lago, mas sim uma grande e complexa região entrecortada por rios e lagoas menores e que logo recebeu o nome de Região dos Xarayes.<sup>6</sup>

Essa Região dos Xarayes, diferente portanto daquelas descrições associadas ao lago Titicaca e diferente também das primeiras representações de um grande lago central, passa agora a ser entendida como sendo o próprio lago do qual nasce o Rio da Prata, e os Xarayes

<sup>5</sup> Segundo a autora que realizou um estudo sobre o surgimento e o desaparecimento do Mito dos Xarayes, esse nome advém de um grupo indígena residente próximo a uma das margens do Rio Paraguai e que em breve se tornaria um topônimo – Região dos Xarayes. (COSTA, 2007, p. 23).

<sup>6</sup> Segundo o historiador Jaime Cortesão, no já mencionado mapa de 1561 de Bartolomeu Velho, além do Eupana, do qual nasceria o Rio da Prata, teria localizado mais ao sul o “Mar Grande ou Paraguai”, ao qual ele identifica como sendo esse Xarayes quinhentista. Se assim for, o mapa de Bartolomeu Velho pode ser também uma evidência cartográfica da não associação imediata entre o Lago Eupana e a região dos Xarayes descrita no século XVI (CORTESSÃO, 1965, p. 346).

enquanto povo do qual derivou o nome, seus habitantes: ou seja, aqueles que possuíam as riquezas de que tanto se falava.

A cartografia holandesa será a grande responsável pela disseminação do então Lago dos Xarayes, quando em 1630 o mapa *Paraguay, Ó prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra* passa a ser publicado nos atlas de duas grandes casas editoriais da época, a de Willem Blaeu e a de Johannes Janssonius que possuíam chapas idênticas ou muito semelhantes produzidas por Jodocus Hondius II antes de sua morte, sendo que uma das fontes utilizadas para elaboração desse mapa seria justamente a obra de Antonio de Herrera y Tordesillas (COSTA, 2007, p. 28). Isso leva Maria de Fátima Costa a defender que a Laguna dos Xarayes é uma produção exclusivamente castelhana independente que relacione-se com outros lagos do período, contrariando a ideia proposta por Jaime Cortesão de que os Xarayes seria apenas mais uma forma de representar o Eupana (COSTA, 2007, p. 26). A figura 6 e a figura 7 são edições de 1642 de Willem Blaeu e de 1647 de Johannes Janssonius respectivamente.

Figura 6: Detalhe do mapa de Willien Blaeu de 1642.



Fonte: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps. [<https://www.raremaps.com/gallery/detail/25519/paraguay-o-prov-de-rio-de-la-plata-cum-regionibus-adiacenti-blaeu>]. Acesso em: 07 nov. 2019.

FIGURA 7: Detalhe do mapa de Johannes Janssonius de 1647.



Fonte: Yale University Library Digital Collections.

[[http://digital.library.yale.edu/cdm/ref/collection/1026\\_1/id/2359](http://digital.library.yale.edu/cdm/ref/collection/1026_1/id/2359)]. Acesso em: 07 nov. 2019.

Nas figuras 6 e 7 é possível notar em ambas, primeiramente, o nome “Lago de los Xarayes” para designar o lago e o Puerto de Los Reyes, assim identificado por Irala em 1543. Além disso, em ambos também aparece a denominação “XARAYES” para definir a região próxima ao lago. Outros cartógrafos holandeses do período passarão a reproduzir mapas contendo o Xarayes no interior da América do Sul, como Frederik de Wit e Hendrik Hondius, e “desde então esta representação da lagoa de Xarayes foi levada aos grandes mapas europeus dos séculos XVII e XVIII, com exceção dos portugueses.” (COSTA, 2007, p. 28).

Mas o que explica a não aparição dos Xarayes na cartografia portuguesa? Ao associar diretamente o lago com a região encontrada e descrita por cronistas castelhanos do século XVI, o lago imaginado ganha uma localização específica que não parece mais ser em terras portuguesas. Daí uma possível causa para a não aparição desse lago na cartografia portuguesa. Uma outra questão importante é que, conforme aponta Deuvaux há uma severa diminuição na busca pelo Lago Eupana por exploradores portugueses no século XVII, se comparado com outros mitos geográficos avidamente procurados no período, como a Serra das Esmeraldas e as Minas de Prata, ao passo que o Lago Eupana mantém-se sendo representado na cartografia e nas crônicas mais por uma questão de tradição e para manter padrões estilístico (DEUXAUX, 2009, p. 132).

Além disso, analisando o mapa de 1666 do português João Teixeira Albernaz II (figura 8) – mais um integrante da família Teixeira de cartógrafos –, é possível notar uma transformação importante no que diz respeito a representação de um grande lago: o Lago Eupana que, segundo Holanda (1969, p. 39) é o mesmo que o Paraupava indígena, dá lugar à Ilha Paraupava que vincula-se a atual Ilha do Bananal no Rio Araguaia no estado brasileiro do Tocantins. Mas em relação a isso, o que mais importa para este trabalho é que a Ilha Paraupava, a qual o mapa da Figura 8 aponta como sendo a residência de alguns indígenas e que pode carregar consigo a mesma crença do século XVI de que esses eram grandes possuidores de riquezas, perde completamente sua ligação com a bacia platina. Assim, ao passo que as demais cartografias europeias tendem a localizar o famoso lago do século XVI junto ao pantanal, a cartografia portuguesa reconfigura esse mito para uma ilha localizada em outra região, mantendo-se mais próxima dos portugueses. Além do mencionado mapa de Albernaz II, o mapa de a Ilha do Paraupava aparece no mapa de José da Costa Miranda (DEUXAUX, 2009, p. 143).

**FIGURA 8:** Mapa de João Teixeira Albernaz II de 1666.



**Fonte:** Biblioteca Nacional Digital.

[[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart1079075/cart1079075.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1079075/cart1079075.pdf)]. Acesso em: 08 nov. 2019.

Na segunda metade do século XVII, no entanto, haverá uma tendência que unirá tanto os mapas que reproduzem o Lago dos Xarayes quanto a cartografia portuguesa: o desligamento do Rio São Francisco a esse ou algum grande lago interiorano que fosse também a nascente de outras bacias hidrográficas, e isso pode ser observado também no mapa da figura 8. Assim, uma das principais portas de entrada para os exploradores ao sertão, o Rio São Francisco perde completamente sua ligação a esse popular mito do século XVI.

Ao passo que o Rio da Prata, partindo da cartografia portuguesa, parece perder sua ligação com toda uma construção mítica em torno de grandes lagos e as riquezas disponíveis nestes, este é o mesmo tempo em que os portugueses buscam ocupar uma de suas margens com a fundação da Colônia de Sacramento em 1680 a fim de manter contato comercial com as colônias espanholas e o comércio via Rio da Prata. Seria necessária uma pesquisa mais detalhada de crônicas, cartas e relatos do período a fim de que se pudesse compreender como o imaginário português – incluindo tanto algo que pudesse ser tido como uma visão institucional a partir da Coroa e seus órgãos quanto o imaginário dos colonos e descendentes portugueses na América –, compreendia a região platina e em que medida a mitologia geográfica em torno de grandes lagos, o que fazia da região platina uma de suas entradas, permanece, modifica-se ou extingue-se. No entanto, por meio da cartografia analisada e da historiografia consultada, é possível perceber uma tendência de desvinculação do Rio da Prata às possibilidades de obtenção de riquezas metálicas no interior ou próximo a grandes lagos. Como já mencionado, no século XVII há uma diminuição brusca nas explorações do sertão por parte dos portugueses que objetivavam o encontro desses grandes lagos interioranos, nascente dos grandes rios, em detrimento de outros mitos geográficos como a Serra das Esmeraldas e as Minas de Prata; ao mesmo tempo, a cartografia portuguesa nunca representou o Lago dos Xarayes – ao menos não com esse nome.

Porém, quando pensamos numa cartografia europeia mais geral, é possível notar que o mito de um grande lago vinculado ao Rio da Prata e às riquezas persiste, adentrando o século XVIII. Talvez nada aponte melhor isso do que o mapa do holandês Pieter van der Aa publicado em 1729 (figura 9). Neste mapa do Brasil é possível ver o Xarayes no seu interior, ainda que, pelo recorte do mapa, não apareça a saída pelo Rio da Prata. Mas o que mais chama a atenção nesse mapa é a descrição – destacada na figura 9 – que menciona o seguinte: “Moradia dos Xarayes que dizem ter muito ouro e prata”.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Tradução do autor. No original têm-se “habitations des Xarayes qui ont dite on beaucoup d’Or et d’Argent”.

Nota-se como nesse mapa (figura 9) ainda há uma associação direta entre o Lago dos Xarayes e as riquezas que seus habitantes possuíam, ainda que o “dizem” talvez indique um certo ceticismo para com a veracidade disso.

FIGURA 9: Mapa de Pieter van der Aa de 1729 e destaque feito pelo autor.



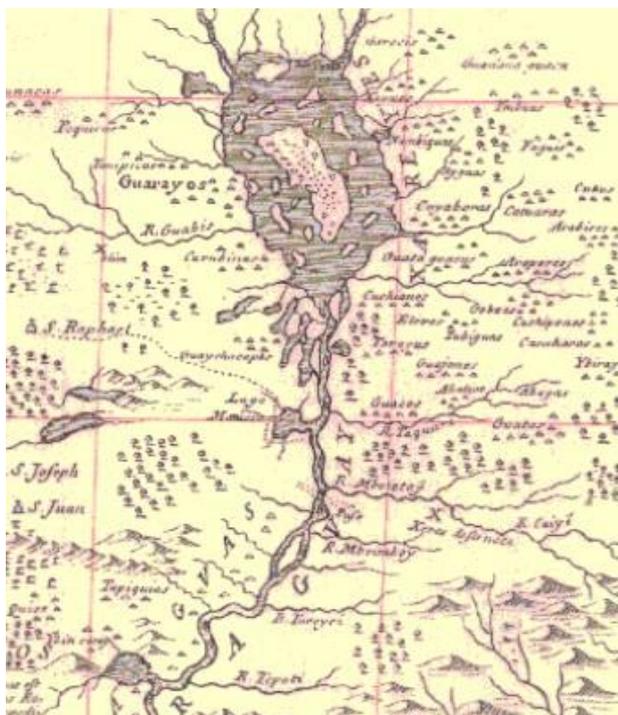
Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

[[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart163395/cart163395.html](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart163395/cart163395.html)]. Acesso em: 08 nov. 2019.

Também na primeira metade do século XVIII, a cartografia jesuítica irá representar a região do Paraguai e, em muitos mapas, incluir o Lago dos Xarayes. Mais do que isso, esses mapas serão responsáveis por inserir um “novo” elemento mítico e geográfico. Um desses mapas é o de Juan Dávila em 1722 intitulado *Paraguariae Provinciae Soc. Jesu cim adjacentib* (...), onde é possível notar que dentro do Xarayes há uma ilha maior cercada por ilhotas menores (figura 10). Apesar de não ser de fácil leitura nesta imagem, a referida ilha no interior do Xarayes recebe o nome de Orejones. Segundo Costa

Ao incluir esta ilha na representação cartográfica da Província paraguaia, os jesuítas deixam perceber que sua fonte não foi a mesma que os holandeses utilizaram, pois esta ilha não consta do livro de Herrera. O novo acidente geográfico encontra-se, sim, numa fonte estritamente sul-americana, a saber, as páginas de *La Argentina* [...]. (COSTA, 2007, p. 29).

FIGURA 10: Detalhe do mapa de Juan Dávila de 1722.



Fonte: Newton Xavier, 2012, p. 22.

La Argentina trata-se de uma obra escrita em 1602 pelo cronista Ruy Díaz de Guzmán, autor nascido em Assunção, que buscou retratar a história rio platense. Nela, é mencionada a existência dos Orejones, população que vivia em uma ilha no curso do Rio Paraguai, 60 léguas antes do *Puerto de los Reyes* (TIEFFENBERG, 2012, p. 87) e que, segundo Guzmán:

es una floresta amenísima, abundante de mil géneros de frutas silvestres, y entre ellas uvas, peras, almendras y aceitunas. Tiénela los indios toda ocupada de sementeras y chácaras, y en todo el año siembran y cogen sin haber diferencia de invierno ni verano, siendo un perpetuo temple y calidad. (TIEFFENBERG, 2012, p. 87).

E, prosseguindo, Guzmán afirma: “*Lamaron los antiguos a esta isla el Paraíso Terrenal, por la abundancia y maravillosas calidades que tiene.*” (TIEFFENBERG, 2012, p. 88). O autor dessa forma menciona a existência de indivíduos que acreditavam ser precisamente nessa ilha a existência do Paraíso Terreal, que trazia os elementos do clima temperado e abundância de alimentos característicos das representações do Éden. No entanto, o retrato da região descrito por ele assemelha-se mais àqueles cronistas quinhentistas, uma vez que ele menciona a existência dos indígenas chamados Xarayes como vivendo próximos ao *Puerto de los Reyes*, ou seja, próximo aquele complexo de rios e lagos que foi o limite da exploração de Domingo de Irala:

De esta provincia adelante hay otras poblaciones de gente y naciones diferentes hasta el Calabrés, que es un cacique guaraní, que dista como 60 leguas, donde se juntan dos ríos, uno que viene de la parte del leste y otro del poniente. De aquí adelante no se ha navegado puesto que hasta estos ríos han llegado bergantines y barcos, y por ser estos ríos pequeños y de poca agua, no han entrado por ellos los españoles. Lo que de noticia se tiene es que, por aquella parte, hay muchas naciones de indios que poseen oro y plata, en especial hacia al norte donde entienden caía aquella laguna, que llaman del Dorado. (TIEFFENBERG, 2012, p. 89, 90).

Assim, da dita Orejones até os Xarayes e o Puerto de los Reyes, seria necessário percorrer 60 léguas; e daqui em diante seriam necessárias mais 60 léguas até chegar no grande Lago por ele chamado de Dourado. Há duas distinções importantes na obra de Guzmán: a ilha Orejones não é o complexo de lagos e rios que foi limite da exploração castelhana na primeira metade do século XVI; e este complexo de lagos e rios não é o grande Lago no qual habitam populações de grande riqueza. Por sua vez, os cartógrafos jesuítas da primeira metade do século XVIII, irão sobrepor esses três pontos geográficos em um mesmo local.

Percebe-se com isso como a questão da edenização da América, em grande medida iniciada já com Cristovão Colombo que registrou amplamente suas expectativas em seus diários e que foi fortemente influenciada e reconfigurada pelos relatos indígenas e pela experiência concreta dos colonos e exploradores europeus com a natureza americana, perpassará boa parte do período colonial com crenças sólidas em torno do Rio da Prata e da região platina. Não à toa León Pinelo associava em meados do século XVII em sua grande obra a respeito do Paraíso Terreal nas Américas, ao buscar identificar os quatro grandes rios provenientes do paraíso, o Rio da Prata ao Rio Físon, reconhecido pela presença de riquezas metálicas (HOLANDA, 1969, p. 22.).

No entanto, a obra de Guzmán circulou apenas em território espanhol por cópias manuscritas sendo impresso e publicado somente em 1835, o que talvez explique a exclusividade da cartografia jesuítica da região em associar o Lago dos Xarayes com o Paraíso (COSTA, 2007, p. 30). Exclusividade jesuítica que, apesar disso, não englobou a totalidade dos mesmos. Ao passo que os jesuítas tenham sido grandes disseminadores do mito do Lago dos Xarayes, embora não sejam os seus criadores, eles “também muito contribuíram para desfazer o mistério, percebendo a singular dinâmica das águas paraguaias. Notaram, antes que outros, que Xarayes nada mais era que o espraiamento deste grande rio.” (COSTA, 2007, p. 36). Já no contexto das partidas de demarcação territorial organizadas pelas Coroas de Portugal e Espanha para o Tratado de Madrid, o Jesuíta José Guevara relatava que o

Xarayes “não é outra coisa senão um terreno baixo que se inunda no tempo de águas, com as vertentes da serra de Cuiabá e com o derramamento do Paraguai em tempo de crescentes[...]”. (GUEVARA, 1836, p. 55 apud COSTA, 2007, p. 33).

Durante e após as partidas, os engenheiros e cartógrafos de ambas as coroas passarão a representar a antiga região dos Xarayes com a explicação de que trata-se na verdade das cheias que ocorrem. Já em 1758, a folha 14 do mapa do português Miguel Antonio Ciera trás a descrição “pantanaes que se inundão nas cheias”; um mapa espanhol manuscrito sem autoria de 1778 nomeava com Xarayes e em seguida descrevia “todo este campo inunda”; outro mapa anônimo espanhol de 1789 descreve “terreno inundado por el qual navega de Cuyaba para Mato Grosso”.<sup>8</sup> Isso demonstra o desligamento mítico que a região começa a sofrer e como, mais do que um lago do qual nasce o Rio Uruguai, agora interpreta-se como o lugar inundado que nasce a partir das cheias do Rio.

Ao mesmo tempo, essa cartografia fruto das partidas talvez indique a coexistência dos elementos míticos. Isso pode ser observado no mapa do português Pontes e Almeida Serra de 1786 (COSTA, 2016, p. 182) onde além de descrever a região, ressaltando as principais áreas com água e/ou alagadiças, denuncia a insistência de alguns em chamar de Xarayes aquela região, nome que talvez ainda estivesse impregnado pelo antigo sentido na tradição local.

Se pensarmos que já existiam boas explicações a respeito do fenômeno das cheias do Rio Paraguai desde pelo menos as primeiras partidas do Tratado de Madrid, isso não serviu para frear imediatamente a propagação das antigas representações na cartografia europeia. Em 1782 era lançada uma nova edição do mapa do famoso e importante cartógrafo francês Guillaume Delisle (1675-1726) onde reproduz, ao menos no que tange o Xarayes, as mesmas configurações do mapa de Pieter van der Aa exposto na figura 9, incluindo a legenda sobre ouro e prata.

Dessa forma, é possível perceber na cartografia analisada a coexistência de elementos míticos associados ao Lago Xarayes e, conseqüentemente, ao Rio da Prata e região platina como um todo até finais do século XVIII, mesmo que explicações mais realistas e as partidas de demarcação tenham dado conta de explicar o real movimento das paraguaias.

## CONCLUSÃO

Desde a chegada dos europeus na segunda década do século XVI, o Rio da Prata passou a incorporar a cartografia europeia. De início ainda modesto, logo ganhou destaque

---

<sup>8</sup> Os três mapas citados aqui podem ser acessados online no site da Biblioteca Nacional Digital. [<https://bndigital.bn.gov.br>].

conforme os relatos sobre grandes riquezas chegavam na Europa, o que modificou totalmente a perspectiva europeia para com este Rio e seus afluentes. Em seguida, percebe-se como a nascente do estuário platino, junto com outras grandes bacias, passa a vincular-se com a existência de um grande lago no interior do continente.

Esse lago, em uma mistura de crenças europeias cristãs com elementos narrativos indígenas, se tornaria o local onde habitavam populações com quantidades de riquezas metálicas jamais vistas e não raro, fora associado diretamente com o Paraíso Terreal. Na segunda metade do século XVI, cartógrafos e cronistas portugueses enfatizaram a existência desse grande lago por crerem na existência do mesmo dentro dos limites portugueses. Contudo, no século XVII, é possível notar uma diminuição desse mito entre os portugueses frente a outros mitos geográficos do período.

Nesse período, as casas cartográficas europeias irão associar esse grande lago às explorações ocorridas no Rio Paraguai na primeira metade do século XVI, ocasionando uma demarcação espacial mais clara do lago que agora deixava de ser terras pertencentes a coroa portuguesa. Rebatizado então como Xarayes, este lago ele deixa então de existir na cartografia portuguesa que parece timidamente querer localizar seu próprio lago em outro local, hoje identificado com a Ilha do Bananal, perdendo o vínculo com o Rio da Prata.

No restante da cartografia europeia, contudo, esse lago mítico permanecerá vinculado ao Rio da Prata e, mais do que isso, como um local de riquezas. Assim, o sentido do nome Rio da Prata, gerido na primeira metade do século XVI devido a perspectiva de se poder chegar até a prata que este fornecia, parece continuar existindo, o que vai adentrar no século XVIII. Neste século, a cartografia jesuítica será responsável por enfatizar o caráter edênico que o lago possuía, demarcando de forma precisa a existência desse Paraíso. Os jesuítas, contudo, apesar de serem grandes influenciadores dessa mitologia, serão também de suma importância para o desvendar dos fenômenos fluviais do Rio Paraguai e do Pantanal. Nesse sentido, as partidas de demarcação das coroas ibéricas também serão fundamentais para compreender o que acontecia nas águas da região, contribuindo imensamente para o fim do mito em torno de um grande lago de onde vertiam as águas platinas e todos os outros elementos lendários que acompanhavam-no. Isso, contudo, não serviu para o fim imediato da representação desse lago na cartografia europeia, continuando sendo reproduzido em edições de certos mapas famosos, o que significava, em termos de cartografia geral, a coexistência do grande lago com as explicações que demonstravam não haver um lago.

## BIBLIOGRAFIA

BONATO, Tiago. 2018. Articulando escalas: cartografia e conhecimento geográfico da Bacia Platina (1515-1628). Tese de Doutorado em História. Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

COLOMBO, Cristovão. 1997. Diários da Descoberta da América. São Paulo: L&PM. 192p. ISBN: 978.85.254.0938-6.

CORTESÃO, Jaime. 1965. A história do Brasil nos velhos mapas. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco/Relações Exteriores. 434p.

COSTA, Maria de Fátima. 2007. “De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico”. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Número 45. p. 21-36. ISSN 2316-901X.

COSTA, Maria de Fátima. 2016. “Visitando as lagoas Mandiré, Gaiva e Uberava nos textos e mapas de Almeida Serra e Castelnau”. Em: 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Belo Horizonte. p. 177 – 190.

DEUVAUX, Marcelo Motta. As Minas Imaginárias: O maravilhoso geográfico nas representações sobre o sertão da América Portuguesa – séculos XVI a XIX. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

GANDAVO, Pero de Magalhães. 2008. Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 158p.

GANDINI, Maria Julia. 2016. “Las sirenas del Plata: nuevos rumbos de las expediciones de Sebastián Caboto y Diego García de Moguer en el Mar Océano Austral (1526-1530)”. Revista Escuela de Historia. Número 15. p. 1-25. ISSN 1669-9041.

GOULD, Alice Bache. 1984. Nueva lista documentada de los tripulantes de Colón em 1492. Madrid: Real Academia de la Historia. 551p. ISBN: 978-8460038290.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1969. Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 356p.

KLOCK, Ana Maria; FLECK, Gilmei Francisco. 2014. “O surgimento da América no imaginário ocidental: os registros pioneiros de Cristovão Colombo”. Temporis(ação). Número 2. p. 110 – 119. ISSN: 2317-5516.

TIEFFENBERG, Silvia. Argentina. 2012. Historia del descubrimiento y conquista del Rio de la Plata de Ruy Díaz de Guzmán. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofia y Letras Universidade de Buenos Aires. 502p. ISBN 978-987-1785-55-1.

TODOROV, Tzvetan. 1983. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes. 133p.

XAVIER, Newton da Rocha. No solo regado a sangue e suor: a cartografia da Província Jesuítica do Paraguai (Século XVIII). Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.